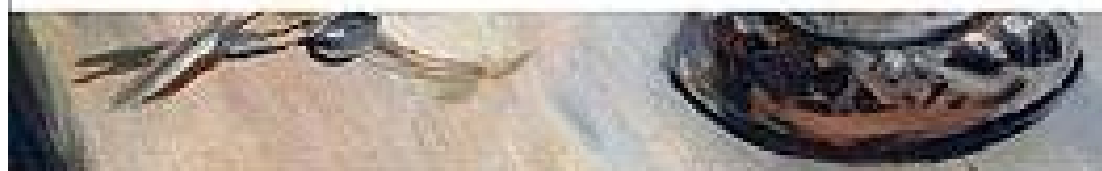




Fyodor Dostoevsky
A Gentle Creature

OXFORD WORLD'S CLASSICS





<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Uma criatura dócil

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski

PRIMEIRA PARTE

Do autor

Peço desculpas aos meus leitores por lhes oferecer desta vez apenas uma novela, em vez do Diário em sua forma habitual¹. Mas esta novela simplesmente me tomou a maior parte do mês. Em todo caso, peço condescendência aos leitores.

Agora sobre a história em si. Intitulei-a “fantástica”, ainda que eu mesmo a considere realista no mais alto grau. Mas aqui de fato ocorre o fantástico, e justamente na própria forma da história, o que eu considero necessário esclarecer de antemão.

Acontece que não se trata nem de um conto nem de memórias. Imaginem um marido, em cuja casa, sobre a mesa, jaz a própria mulher, suicida, que algumas horas antes atirou-se de uma janela. Ele está perturbado e ainda não conseguiu juntar os pensamentos. Anda pelos cômodos da casa e tenta entender o que aconteceu, “concentrar os pensamentos em um ponto”. De mais a mais, trata-se de um hipocondríaco inveterado, daqueles que falam sozinhos. Aí é que está, ele fala consigo mesmo, conta o ocorrido, tenta esclarecê-lo para si próprio. Apesar da aparente coerência do discurso, algumas vezes se contradiz, tanto na lógica como nos sentimentos. Ao mesmo tempo em que se justifica e culpa a mulher deixa-se levar por explicações esquisitas: há nisso tanto rudeza de pensamento e de coração como um sentimento profundo. Aos poucos ele consegue esclarecer para si o ocorrido e “concentrar os pensamentos num ponto”. Por fim, evoca uma série de recordações que inevitavelmente o levam à verdade; a verdade inevitavelmente eleva seu espírito e seu coração. No fim, até o tom da narrativa se modifica, se o compararmos ao início desordenado. A verdade revela-se ao infeliz de modo bastante claro e preciso, ao menos para ele.

É este o tema. Certamente, o processo da narração prolonga-se por algumas horas, com interrupções e pausas, de modo incoerente: ora ele fala para si mesmo, ora volta-se para um ouvinte invisível, para algum juiz. E na realidade é sempre assim mesmo que acontece. Se um estenógrafo pudesse ouvi-lo às escondidas e anotar tudo em seguida, o resultado seria um pouco mais escabroso e mais tosco do que o apresentado por mim, mas, ao que me parece, é provável que a ordem psicológica fosse a mesma. Bem, esta suposição de um estenógrafo que anotasse tudo (e sobre cujas anotações eu trabalharia em seguida) é o que eu chamo de fantástico na narrativa. Mas o certo é que, em matéria de arte, já se admitiu coisa semelhante mais de uma vez: Victor Hugo, por exemplo, em sua obra-prima *O último dia de um condenado*, utilizou quase que a mesma técnica e, ainda que não tenha lançado mão do estenógrafo, permitiu-se uma inverossimilhança ainda maior, ao admitir que um condenado à morte pudesse (e tivesse tempo de) registrar as memórias não apenas do último dia, mas até da última hora e literalmente do derradeiro minuto. Porém, se ele não se tivesse permitido essa fantasia, não existiria nem mesmo a obra – a mais real e mais verossímil de todas as que escreveu.

1. Quem era eu e quem era ela

Pois é, por enquanto ela está aqui, ainda está tudo bem: venho olhá-la a cada instante; mas amanhã será levada, e como é que irei me arranjar sozinho? Agora ela está na sala, em cima da mesa, juntaram duas mesas de jogo, o caixão vem amanhã, branco, com mortalha de seda branca, mas, aliás, não se trata disso... Eu só faço andar e tentar esclarecer isso tudo para mim mesmo. Já faz seis horas que estou tentando esclarecer e não há meio de concentrar meus pensamentos num ponto. Acontece que eu só faço andar, andar, andar... Eis como tudo se passou. Eu simplesmente contarei pela ordem (ordem!). Senhores, eu estou longe de ser um literato, e isso os senhores

¹ A novela *Uma criatura dócil* foi publicada originalmente no número de novembro de 1876 da revista *Diário de um escritor*. (N. T.)

verão, mas não importa, contarei o caso tal como o compreendo. E todo o meu horror reside justamente no fato de compreender tudo!

Se querem saber, isto é, se eu começar bem do início, ela veio à minha casa naquela época, sem a menor cerimônia, penhorar uns objetos para pagar um anúncio no *Golos*² em que ela, preceptora, coisa e tal, concorda até mesmo em viajar dar aulas a domicílio etc etc. Isso foi bem no começo, e eu certamente não fazia diferença entre ela e os outros: ela vinha como todos, e até com mais simplicidade. Mas depois passei a fazer. Ela era tão franzina, loirinha, mais para alta do que baixa, sempre desajeitada no trato comigo, parecia perturbar-se (acho que era assim com todos os estranhos, e eu, sem dúvida, era igual a qualquer outro para ela, isto é, não pelo lado do penhorista, mas da pessoa). Tão logo recebia o dinheiro, no mesmo instante dava meia-volta e saía. E o tempo todo calada. Os outros discutem, insistem, regateiam de todo modo para que eu lhes dê mais; ela não, o que dessem... Parece que estou confundindo tudo... Sim, fiquei surpreso, antes de mais nada, com os seus objetos: brincos de prata dourada, uma medalhinha ordinária, jóias baratas. E ela mesma sabia que valiam, quando muito, uns dez copeques, mas pelo seu rosto eu via que eram preciosas para ela – e de fato isso era tudo o que tinha sobrado de seu paizinho e de sua mãezinha, soube depois. Somente uma vez eu me permiti caçoar de seus objetos. Isto é, vejam, isso eu não me permito nunca, meu tom com o público é de gentleman: poucas palavras, cortesia e seriedade. “Seriedade, seriedade, seriedade.”³ Mas ela de repente se permitiu trazer os restos (isto é, literalmente) de uma jaquetinha velha de pele de lebre – então eu não me contive e de repente disse algo, fiz uma espécie de chiste. Deus meu, como ela corou! Ela tem os olhos azuis, grandes, pensativos, mas como se inflamaram! No entanto, sem deixar escapar uma palavra, pegou seus “restos” e foi-se embora. Nessa altura, pela primeira vez eu reparei nela de um modo particular e pensei sobre ela algo no gênero, isto é, justamente algo num sentido particular. Sim, e lembro ainda a impressão, isto é, possivelmente, se querem saber; a impressão principal, a síntese de tudo: justamente que ela era jovem demais, tão jovem que parecia ter catorze anos. Entretanto, faltavam na época três meses para completar dezesseis. Aliás, não era isso o que eu queria dizer; não era nisso, em absoluto, que residia a síntese. No dia seguinte, veio de novo. Soube depois que havia levado a jaquetinha para Mozer e Dobronrávov, mas estes, afora ouro, não aceitam nada e nem quiseram conversa. Quanto a mim, certa vez recebi dela um camafeu (assim, baratinho), e depois, ao ponderar, me surpreendi: eu, afora ouro e prata, também não aceito nada, mas aceitei o camafeu. Esse então foi meu segundo pensamento sobre ela, disse eu me lembro.

Dessa vez, isto é, depois do Mozer, ela trouxe uma piteira em âmbar, uma pecinha à toa, coisa de amator, mas que para nós realmente não tem nenhum valor, porque de valor, para nós, só o ouro. Como ela voltou mesmo depois da revolta do dia anterior, eu a recebi com um ar sério. Seriedade em mim é segura. Entretanto, ao entregar-lhe dois rublos, não me contive e disse, aparentando uma certa irritação: “Só faço isso para a senhora, Mozer não aceitaria esse tipo de coisa”. Frisei de modo especial as palavras: “para a senhora”, e justamente com certa intenção. Fui cruel.

Ela ficou corada outra vez ao ouvir esse “para a senhora”, mas calou-se, não largou o dinheiro, pegou-o – o que não faz a pobreza! E como corou! Percebi que a tinha magoado. E depois que ela saiu, de repente perguntei-me: será mesmo que esse triunfo sobre ela vale dois rublos? Hi-hi-hi! Lembro-me de que fiz essa pergunta exatamente duas vezes: “será que vale? Será que vale?”. E, rindo, decidi em meu íntimo pela afirmativa. Isso me deixou até bem alegre. Mas não foi por um mau sentimento, eu o havia feito com um propósito, com uma intenção; eu queria colocá-la à prova, porque de súbito em minha mente começaram a fermentar certos pensamentos a seu respeito. Essa foi a terceira vez que tive um pensamento particular sobre ela.

Enfim, foi aí que tudo começou. Naturalmente, fui logo tratando de tomar informações por vias indiretas sobre todas as circunstâncias e esperei com ansiedade a sua vinda. Pois eu

² *Voz*, semanário da época. (N. T.)

³ “Strogo, strogo i strogo”: o narrador cita *O capote*, de Gógol. (N. T.)

pressenti a que ela não tardaria a voltar. Quando voltou, puxei uma conversa amável, com uma cortesia fora do comum. Pois eu recebi uma certa educação e tenho bons modos. Hum! Aí justamente descobri que ela era boa e dócil. As pessoas boas e dóceis não são de opor resistência por muito tempo e, ainda que não sejam lá de se abrir muito, esquivar-se de uma conversa é coisa que elas não conseguem de jeito nenhum: mal respondem, mas respondem, e quanto mais se insiste, melhor; só que, se estiver interessado, não vá se deixar cansar. Naturalmente que ela mesma na época não me explicou nada. Isso do *Golos* e do resto eu só fiquei sabendo depois. Publicava os anúncios então já no limite de seus recursos, de início, naturalmente, com arrogância: “Preceptora”, dizia ela, “disposta a viajar, enviar as condições pelo correio”, mas depois “disposta a tudo, a dar aulas, a ser dama de companhia, a cuidar dos afazeres domésticos, a tratar de doente, e sei costurar” etc etc, o de sempre! Naturalmente que isso tudo foi sendo acrescentado aos anúncios em várias oportunidades, mas por fim, quando já estava chegando à beira do desespero, até mesmo “sem ordenado, pela comida”. Não, não encontrou trabalho! Decidi então submetê-la à prova uma última vez: pego de repente o *Golos* do dia e mostro-lhe um anúncio: “órfã de pai e mãe, procura emprego de preceptora para crianças pequenas, de preferência em casa de viúvo idoso. Pode ajudar no trabalho da casa”.

– Aqui está, veja, essa colocou o anúncio de manhã e agora à tarde certamente já deve ter encontrado trabalho. É assim que se deve anunciar!

Corou de novo, os olhos voltaram a chamejar deu meia-volta e saiu no mesmo instante. A coisa me agradou muito. Pensando bem, a essa altura já estava plenamente convencido e não tinha receios: as tais piteiras ninguém ia aceitar. Até porque ela já não tinha piteira nenhuma. E assim foi, no terceiro dia ela chega, muito pálida, perturbada – eu percebi que alguma coisa tinha lhe acontecido em casa, e de fato acontecera. Já vou explicar o que aconteceu, mas antes o que eu quero é recordar como na hora, de repente, me fiz de chique para ela e cresci aos seus olhos. A idéia me veio de repente. Acontece que ela tinha trazido a tal imagem... Ah, ouçam, ouçam! É aqui que a coisa começa, até agora só fiz me atrapalhar todo... Acontece que agora eu quero recordar isso tudo, tintim por tintim, nos mínimos detalhes. Não faço senão tentar concentrar os pensamentos num ponto e não consigo, mas há esses detalhes, esses pequenos detalhes...

Era a imagem da Virgem. A Virgem com o Menino, antiga, familiar, caseira, com moldura de prata dourada, devia valer – bem, uns seis rublos, valia. Percebo que a imagem é preciosa para ela, que penhora a imagem toda sem tirar da moldura. Digo-lhe: seria melhor tirar a moldura e levar a imagem; mesmo porque a imagem, de qualquer maneira, não é muito apropriada.

– Por acaso é proibido?

– Não, proibido não é, mas talvez, para a senhora mesma...

– Então, tire.

– Quer saber de uma coisa, não vou tirar, e vou colocar ali no nicho – disse eu, depois de refletir – com as outras imagens, embaixo da lamparina – desde que abri a caixa de penhores, mantive sempre uma lamparina acesa –, e não faça cerimônia, tome dez rublos.

– Não preciso de dez, dê-me cinco, venho resgatá-la sem falta.

– Mas não quer os dez? A imagem vale – acrescentei, notando que seus olhinhos tornavam a luzir. Ela não abriu a boca. Entreguei-lhe cinco rublos.

– Não se deve desprezar ninguém, eu mesmo já passei por tais apuros, e até pior, minha senhora, e se hoje a senhora me vê em tal ocupação... Pois isso foi depois de tudo o que suportei...

– O senhor não está se vingando da sociedade, está? – interrompeu-me de repente com um ar de troça bem sarcástico, no qual, aliás, transparecia muita ingenuidade (isto é, em geral, por que na época decididamente não me distingui dos outros, tanto que o disse quase sem maldade). Pensei, “veja só quem é você, seu caráter se revela sob um novo ângulo!”

– Veja – observei no mesmo instante, meio brincalhão, meio enigmático –, “eu sou uma parte daquela força que quer o mal, mas cria o bem...”

Ela olhou para mim imediatamente e com uma curiosidade, aliás, quase infantil:

– Espere... Que pensamento é esse? De onde vem? Ouvi em algum lugar...
– Não precisa quebrar a cabeça, com estas palavras Mefistófeles recomenda-se a Fausto.
Leu o Fausto?

– Não... Com muita atenção, não.

– Então, não leu absolutamente. Deveria ler. E aliás, torno a perceber nos lábios da senhora um sinal de troça. Por favor, não atribua a mim tanto mau gosto, como se eu, para embelezar meu papel de penhorista, quisesse recomendar-me à senhora como Mefistófeles. Uma vez agiota, sempre agiota. Sabemos disso, minha senhora.

– O senhor é estranho... Eu não queria absolutamente dizer lhe nada nesse sentido...

Queria dizer “Eu não esperava que o senhor fosse uma pessoa culta”, mas não disse, no entanto eu sabia que tinha pensado isso; eu a toquei fundo.

– Veja – observei –, em qualquer atividade é possível fazer o bem. Não é o meu caso, é certo: além do mal, vamos admitir, não faço nada, mas...

– É certo que se pode fazer o bem em qualquer profissão – disse ela, olhando para mim com um olhar vivo e compenetrado. – Absolutamente em qualquer profissão – acrescentou de repente.

Oh, eu me lembro bem, eu me lembro de todos esses momentos! E ainda quero acrescentar que quando essa juventude, essa adorável juventude, deseja dizer alguma coisa inteligente e profunda, então de repente mostra com uma expressão extremamente sincera e cândida que “veja, estou lhe dizendo agora uma coisa inteligente e compenetrada”, e não por vaidade, como é do nosso feitio, mas ainda assim percebe-se que ela própria dá muito valor a tudo isso, não só acredita como respeita e pensa que também os senhores respeitam isso tudo do mesmo modo que ela, Oh, a sinceridade! E aí, justamente, é que vencem. E como isso era encantador nela!

Eu me lembro bem, não me esqueci de nada! Quando ela saiu, tomei de vez a decisão. Naquele mesmo dia saí para as últimas averiguações e soube tudo o que faltava sobre ela, sobre os podres de agora; os podres de antes eu já conhecia todos pela Lukéria, que nessa época trabalhava na casa dela e que eu tinha subornado uns dias antes. Esses podres eram tão terríveis que eu não consigo compreender como ainda era possível rir como ela fizera havia pouco e mostrar curiosidade pelas palavras de Mefistófeles, achando-se ela mesma em tal horror. Porém, coisas da juventude! Na hora foi exatamente o que pensei a seu respeito com orgulho e alegria, porque aí, de fato, também há magnanimidade: ao que parece, apesar de se encontrar à beira da ruína, as palavras grandiosas de Goethe resplandecem para ela. A juventude, ainda que um pinguinho meio sem rumo, é sempre magnânima. Ou seja, é dela que estou falando, dela apenas. E o mais importante é que então eu já a olhava como minha e não duvidava do meu poder. Os senhores sabem como esse pensamento é voluptuoso, quando já não se tem qualquer dúvida.

Mas o que se passa comigo? Se continuar assim, quando é que vou concentrar tudo num ponto? Mais rápido, mais rápido – não é disso absolutamente que se trata, oh, Deus!

2. O pedido de casamento

Os “podres” de que me inteirei a seu respeito, vou resumi-los em poucas palavras: o pai e a mãe tinham morrido, já fazia tempo, três anos antes, e ela ficou na casa de umas tias sem eira nem beira. Isto é, chamá-las assim é pouco. Uma tia é viúva, de família grande, com seis filhos, um menor que o outro, a outra é uma velha solteirona, detestável. Ambas são detestáveis. O pai dela tinha sido funcionário público, simples escrivão porém, e ainda por cima mero funcionário nobilitado⁴. Em suma: eu estava com tudo nas mãos. Surgia como que de um mundo superior: fosse como fosse, era um capitão-mor reformado de um regimento glorioso, nobre de nascimento, independente etc, e quanto à caixa de penhores, as tias só podiam vê-la com

⁴ Funcionário que possui apenas título individual de nobreza, não hereditário. (N. T.)

consideração. Havia três anos que estava na casa das tias na condição de serva, e apesar de tudo tinha prestado exames em algum lugar – conseguira passar, arrancou-se de um trabalho diário desumano para passar –, e isso da parte dela significava mesmo certa aspiração ao que é superior e nobre! Para que então eu queria me casar? Aliás, quanto a mim, pouco importa, fica para depois... Por acaso é disso que se trata? Ensinava os filhos da tia, costurava a roupa branca e ainda por cima lavava não só a roupa branca, mas, apesar do peito fraco, também o chão. Elas chegavam pura e simplesmente a espancá-la, a atirar-lhe cada migalha na cara. Por fim, estavam pensando em vendê-la. Irral! Estou omitindo a sordidez dos detalhes. Mais tarde ela me contou tudo detalhadamente. Tudo isso foi observado durante todo um ano pelo vizinho, um vendeiro gordo, não um vendeiro qualquer, mas com duas mercearias. Já tinha acabado com a doce vida de duas mulheres e buscava uma terceira, foi então que pôs os olhos nela: “é quieta, cresceu na pobreza, quanto a mim, caso-me por causa dos órfãos”. De fato, ele tinha filhos órfãos. Pediu sua mão, começou a se entender com as tias, e mais: ele tinha cinqüenta anos. Ela estava apavorada. Foi aí justamente que passou a vir com freqüência à minha casa para os anúncios no *Golos*. Por fim, pôs-se a pedir às tias que lhe dessem um nadinha de tempo que fosse para pensar. Deram-lhe esse nadinha, mas apenas isso, mais não concederam, começaram a atormentá-la: “Mesmo sem uma boca a mais, nós mesmas não sabemos o que comer”. Eu já sabia de tudo isso, mas naquele mesmo dia, depois da conversa da manhã, decidi. Daí, ao anoitecer, chegou o vendeiro, trazendo da mercearia uma libra de balas de cinqüenta copeques; ela sentou-se com ele, mas eu chamei Lukéria da cozinha e mandei que fosse cochichar para ela que eu estava no portão e desejava dizer-lhe algo absolutamente inadiável. Fiquei satisfeito comigo mesmo. E no geral passei aquele dia todo extremamente satisfeito.

Ali mesmo no portão, diante de Lukéria, expliquei a ela, que já estava surpresa pelo fato de eu tê-la chamado, que consideraria uma felicidade e uma honra... Em segundo lugar: que não se surpreendesse com os meus modos e por estar no portão, “sou uma pessoa franca e analisei as circunstâncias do caso”. E não estava mentindo ao dizer que sou franco. Enfim, pouco importa. Falei não apenas de modo conveniente, isto é, mostrando que sou uma pessoa bem-educada, mas também original, e isso é o mais importante. O que foi, por acaso há algum pecado em reconhecer isso? Eu quero julgar a mim mesmo e estou julgando. Eu devo falar pró e contra, e estou falando. Mesmo depois eu me lembrava disso com deleite, ainda que isso seja estúpido: anunciei então diretamente, sem qualquer embaraço, que, em primeiro lugar, não sou lá muito talentoso, nem muito inteligente, talvez nem mesmo muito bom, um egoísta bem barato (lembro-me dessa expressão, eu a compus na ida e fiquei satisfeito) e que sou muito – talvez muitíssimo – desagradável também em outros aspectos. Tudo isso foi dito com um orgulho especial – não é nenhuma novidade o jeito como se costuma dizer essas coisas. Naturalmente, tive tanto gosto que, ao declarar nobremente os meus defeitos, não me precipitei a anunciar as qualidades: “Mas em troca disso tenho isso, aquilo e aquilo mais”. Eu percebia que até aí ela ainda estava morrendo de medo, mas não atenuei nada, além do mais, ao ver que estava com medo, reforcei de propósito: disse claramente que bem alimentada ela seria, mas quanto a vestidos, teatros, bailes – não haveria nada disso, a não ser mais tarde, quando tivesse alcançado meus objetivos. Esse tom severo, decididamente, entusiasmava-me. Acrescentei, e de passagem, na medida do possível, que, se escolhi tal ocupação, isto é, se mantenho este estabelecimento, é tão-somente porque tenho um único objetivo, existe, digo, uma certa circunstância... Mas é que eu tinha o direito de falar assim: de fato tinha esse objetivo e essa circunstância existe. Esperem, senhores, a vida inteira eu fui o primeiro a odiar essa caixa de penhores, pois, no findo, ainda que seja ridículo falar consigo mesmo por meio de frases enigmáticas, eu “me vingava mesmo da sociedade”, de fato, de fato, de fato! Desse modo, o chiste que fez de manhã a propósito de “estar me vingando” tinha sido injusto. Isto é, vejam bem, se eu tivesse dito diretamente com as palavras “sim, estou me vingando da sociedade”, ela teria caído na gargalhada, como ainda pela manhã, e realmente teria parecido ridículo. Enquanto que, com uma alusão indireta, soltando uma frase enigmática, vi que era possível cativar a sua imaginação. E além do mais eu já não receava nada: pois sabia que o

vendeiro gordo, em todo caso, era mais abjeto do que eu, e que eu, de pé junto ao portão, aparecia como um libertador. Isso eu compreendia bem, Oh, as coisas vis um homem compreende bem demais. Mas seriam vis? Como é que se pode julgar um homem por isso? Por acaso naquele momento mesmo eu já não a amava?

Esperem: é claro que na hora eu não lhe disse uma só palavra sobre o favor que eu lhe fazia; ao contrário, bem ao contrário: “Eu é que serei o beneficiado, não a senhorita”. De modo que cheguei a expressar isso com palavras, não me contive e talvez tenha soado ridículo, porque notei uma ligeira ruga em seu rosto. Mas no geral havia decididamente vencido. Esperem, se é para recordar toda essa sujeira, então recordarei até a última porcaria. Eu estava ali parado, mas em minha cabeça remoia: você é alto, bem-apegoado, educado e, afinal de contas, falando sem fanfarroneio, você em si não é mau. Era o que me passava pela mente. É claro que ali mesmo no portão ela me disse “sim”. Mas... mas eu devo acrescentar: ali mesmo no portão ela ficou um bom tempo pensando antes de dizer “sim”. Refleti tanto, mas tanto, que eu já estava para perguntar “E então?”, e não me contive mesmo, com que elegância perguntei “Pois então, minha senhorita?”, com o “minha senhorita” e tudo.

– Espere, estou pensando.

E a carinha dela estava tão, mas tão séria, que na hora mesmo eu já podia ter lido tudo! Em vez disso, me senti ofendido: “Será que ela está escolhendo entre mim e o vendeiro?”. Oh, naquele momento eu ainda não compreendia! Eu ainda não compreendia nada, nada, então! Até hoje não tinha compreendido! Lembro-me de que Lukéria saiu correndo atrás de mim quando eu já estava indo embora, deteve-me no caminho e disse às pressas: “Deus lhe pague, senhor, por levar a nossa querida senhorita, só não lhe diga isso, que ela é orgulhosa”.

Orgulhosa, então! Quanto a mim, digo, gosto das orgulhosinhas. As orgulhosas são particularmente boas quando... Bem, quando já não se duvida do próprio poder sobre elas, não é? Oh, que sujeito inconveniente, infame! Oh, como eu estava satisfeito! Sabem, na hora em que ela estava no portão da casa pensando para me dizer o “sim” e eu estranhei, sabem, ela até podia ter tido um pensamento assim: “Desgraça por desgraça, não seria melhor escolher logo o pior, isto é, o vendeiro gordo? Que importa se, caído de bêbado, me mate o quanto antes?”. Hein? O que acham? Podia ter tido tal pensamento?

E ainda hoje não compreendo, e ainda hoje não compreendo nada! Acabo de dizer que ela podia ter tido tal pensamento: que das duas desgraças podia escolher a pior, isto é, o vendeiro? E quem, então, havia de ser o pior para ela? Eu ou o vendeiro? O vendeiro ou o agiota que citava Goethe? É uma questão a resolver! Que questão? Nem isso você compreende: a resposta está sobre a mesa e você vem falar em “questão”! Pouco importa! Não se trata de mim absolutamente... E a propósito, o que me importa agora se se trata ou não de mim? Pois isso, assim, eu não posso decidir de jeito nenhum. Seria melhor deitar e dormir. Minha cabeça dói...

3. O mais nobre dos homens – mas nem eu acredito

Não consegui pegar no sono. E como é que poderia, se uma espécie de pulsação martela na minha cabeça? Gostaria de assimilar tudo isso, toda essa lama, Oh, que lama! Oh, de que lama eu a tirei então! Pois ela mesma devia compreender isso, apreciar o meu procedimento! Agradavam-me também outros pensamentos, por exemplo, o de que eu tinha quarenta e um anos, enquanto ela acabava de completar dezesseis. Isso me fascinava, essa sensação de desigualdade, era muito doce, doce demais.

Eu, por exemplo, queria celebrar o casamento à l’anglaise, isto é, só nós dois, decididamente, sem contar as duas testemunhas, uma das quais Lukéria, e depois direto para um vagão, ainda que, por exemplo, para Moscou (a propósito, acontece que eu tinha mesmo um negócio por lá), para um hotel, por duas semanas. Ela se opôs, não admitiu, e me vi forçado a apresentar meus cumprimentos às tias, na qualidade de parentes das quais eu a estava tirando. Cedi, e prestou-se às tias o que lhes era devido. Cheguei até a presentear as tias com cem rublos e

prometi mais; a ela, evidentemente, nada disso foi dito, para que a situação aviltante não lhe causasse desgosto. As tias ficaram uma seda no mesmo instante. Houve disputa também sobre o enxoval: ela não tinha nada, literalmente, quase nada, mas também nada queria. Entretanto, consegui demonstrar-lhe que sem absolutamente nada era inadmissível, e lá fui eu fazer o enxoval, mesmo porque quem então faria alguma coisa por ela? Bem, pouco importa. Nesse meio tempo, apesar de tudo, consegui então transmitir-lhe várias das minhas idéias, pelo menos para que as conhecesse. Talvez tenha até me apressado. O importante é que ela, já bem de início, por mais que tentasse se conter, atirava-se para cima de mim com amor, quando eu chegava ao anoitecer vinha ao meu encontro com arroubos, contava balbuciando (o balbuciar encantador da inocência!) toda a sua infância, a primeira infância, a casa paterna, o pai e a mãe. Mas eu arrefecia todo esse enlevo, no mesmo instante, com um balde de água fria. Aí está, justamente, no que consistia a minha idéia. Aos arroubos eu respondia com o silêncio, benévolo, é claro... Mas ela rapidamente percebeu tudo, que éramos diferentes e que eu era um enigma. E eu, o que é pior, até me deixei levar pelo enigma! Pois foi para que ela o adivinhasse que acabei por fazer a besteira toda! Em primeiro lugar, a severidade – foi com severidade que a levei para a minha casa. Resumindo, mesmo estando satisfeito, concebi então todo um sistema. Ora, ele foi tomando forma por si mesmo, sem qualquer esforço. Mesmo porque não podia ser de outro modo, eu precisava criar esse sistema movido por uma circunstância incontestável – de que vale caluniar a mim mesmo! Havia realmente um plano. O sistema era verdadeiro. Não, ouçam, já que é para julgar um homem, então que o julguem com conhecimento de causa... Ouçam.

Como começar é que são elas. Quando você começa a se justificar é que são elas. Então reparem: a juventude, por exemplo, despreza o dinheiro, e eu já de cara fiz finca-pé no dinheiro; aferrei-me ao dinheiro. Fiz tamanho finca-pé que ela começou a ficar mais e mais calada. Arregalava os olhos, ouvia, olhava e emudecia. Reparem: a juventude é magnânima, isto é, a juventude sadia é magnânima e impetuosa, mas não é muito tolerante, por pouco que seja – lá vem o desdém. Mas eu queria generosidade, queria inculcar-lhe a generosidade diretamente no coração, inculcá-la com nobres intenções, por acaso não era assim? Vou tomar um exemplo banal: como é que eu podia, por exemplo, explicar minha caixa de penhores a alguém como ela? Naturalmente, não entrei direto no assunto, do contrário ia parecer que estava me desculando pela caixa de penhores, mas, por assim dizer, recorri ao orgulho, falava-lhe como que em silêncio. Sou mestre na arte de falar em silêncio, passei minha vida toda conversando em silêncio e em silêncio acabei vivendo tragédias inteiras comigo mesmo. Oh, pois eu também era infeliz! Fui desprezado por todos, desprezado e esquecido, e ninguém, absolutamente ninguém sabe disso! E depois, de repente, vem essa garota de dezesseis anos, ouve de gente infame detalhes sobre a minha vida e pensa que sabe tudo, enquanto o que é secreto continua encerrado no peito deste homem! Eu me calava o tempo todo, e principalmente, principalmente com ela eu me calava, até ontem mesmo. Por que me calava? Mas que homem orgulhoso! Queria que ela ficasse sabendo por si, sem mim, mas também não pela boca de canalhas, queria que ela própria adivinhasse quem é este homem e o compreendesse. Ao acolhê-la em minha casa, queria conquistar toda a sua estima. Queria que se pusesse de joelhos diante de mim pelos meus sofrimentos – e eu bem que merecia isso, Oh, eu sempre fui orgulhoso, eu sempre quis tudo ou nada! Era por isso justamente que eu não queria uma felicidade pela metade, mas por inteiro – e foi precisamente por isso que me vi forçado então a agir assim: “Adivinhe por si mesma e avalie!”. Pois vocês concordam que, se fosse eu a chegar e lhe sugerir, adular e implorar estima, seria o mesmo que mendigar. Mas aliás... Aliás, por que é que eu tenho que falar disso!

É estúpido, estúpido, mil vezes estúpido! Eu lhe expliquei então, em duas palavras, sem rodeios e sem piedade (e saliento que foi sem piedade), que a magnanimidade da juventude é fascinante, mas não vale um vintém. Por que não vale? Porque lhe sai de graça, não provém do fato de ter vivido, tudo isso, por assim dizer, são “as primeiras impressões da vida”⁵, pois bem,

⁵ O narrador cita de memória um verso de *O demônio*, de Puchkin. No poema de 1823, lê-se: “Naqueles dias, em que me eram novas/Todas as impressões da vida...”. (N. T.)

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

